



Fábrica  
das Artes



# O PARAÍSO SÃO OS OUTROS

TEATRO DA CIDADE | NÍDIA ROQUE  
COM TEXTO DE VALTER HUGO MÃE

**27 JAN A 1 FEV 26**

Fábrica das Artes – Espetáculo Imersivo – **Estreia**

Black Box

Ter e Qua, 11h00 e 14h00 – Escolas

Qui e Sex, 11h00 – Escolas

Sáb, 15h30 – Público Geral

Dom, 11h30 e 15h30 – Público Geral

**Público-alvo: +8**

Classificação Etária: +6

Duração aproximada: 45 min

Texto **Valter Hugo Mãe**

Encenação **Nídia Roque**

Interpretação **Beatriz Brás** (atriz) e **Leonardo Outeiro** (músico)

Composição Musical **Leonardo Outeiro**

Cenografia e Figurinos **Ângela Rocha**

Apoio à Construção **Catarina Sousa** e **Rita Cabrita**

Confeção de Figurinos **Aldina Jesus**

Desenho de Luz **Rui Seabra**

Cartaz **Ângela Rocha**

Fotografias de Cena **Bruno Simão**

Design Gráfico **Luís Belo**

Produção **Ricardo Arenga/Teatro da Cidade**

Parceria de Comunicação **Coffeepaste**

Apoio **República Portuguesa – Cultura, Juventude e Desporto**  
**/ Direção-Geral das Artes e Câmara Municipal de Lisboa**

Coprodução **Centro Cultural de Belém/Fábrica das Artes,**  
**Theatro Circo e Teatro da Cidade**

Com texto de Valter Hugo Mãe, *O Paraíso São os Outros* é um espetáculo imersivo para a infância e juventude que parte de uma pergunta tão simples quanto imensa: «onde reside o amor?»

Pela voz de uma rapariga que observa o mundo à sua volta, seguimos um percurso sensível por diferentes formas de afeto — nas famílias, nos animais, nas amizades, nos gestos do dia a dia —, num olhar terno e atento sobre as relações humanas. Através de um dispositivo cénico sensorial que aproxima intérpretes e espectadores, o espetáculo convida à escuta, ao pensamento e à partilha, fazendo do encontro um lugar central: de identidade, de construção emocional e de paraíso possível.

Com música original ao vivo de Leonardo Outeiro e interpretação e voz de Beatriz Brás, palavra e som cruzam-se num espaço onde se pode desacelerar, sentir e celebrar a importância dos outros. Mais do que uma narrativa, *O Paraíso São os Outros* é uma experiência sensorial e poética, que propõe um tempo coletivo de contemplação sobre o amor e a sua presença no mundo.

***Falar de amor é, para mim, falar de respeito, de escuta, de atenção, de escolha, de não-violência. É ser-se e estar-se implicado. É um trabalho de todos os dias.***

Pergunto-me, há já algum tempo, o que é o amor. Até que ponto este conceito foi tão moldado socialmente que direccionou a maneira como o experienciamos verdadeiramente. Foi a partir destas perguntas – simples, inquietas, impossíveis de fechar – que nasceu a vontade de criar este espectáculo.

Em 2024, sem saber que o texto viria a ser da autoria de Valter Hugo Mãe, tinha apenas a certeza de que queria trabalhar sobre este tema. Mais tarde, cruzei-me com o livro *O Paraíso São os Outros*, uma obra que continha algumas respostas possíveis para estas perguntas, numa linguagem plural e poética, que me comoveu. A partir desse encontro começou a desenhar-se este paraíso. Um espectáculo que não oferecesse respostas, mas que abrisse espaço para novas perguntas. Um lugar onde o público pudesse observar, questionar-se e reconhecer-se. Onde cada pessoa pudesse construir o seu próprio percurso, feito de espanto, curiosidade e silêncio.

Convidei a Ângela Rocha, cenógrafa do espectáculo, e quando ela me apresentou a proposta de cenografia – um cenário suspenso e texturado, onde o público estaria integrado –, o espectáculo ganhou uma dimensão ainda mais profunda. Nesse cenário imersivo, estabelecia-se uma forma de relação em que o espectador deixava de ser alguém que assistia distanciado para ser um observador dentro da narrativa, tal como os intérpretes.

Assim, a dimensão imersiva deste lugar não serve apenas de palco para falar sobre o amor, mas sim para o experienciar: convoca texturas, sensações e emoções que permitem uma vivência sensorial. Mais do que compreender, cada pessoa é convidada a sentir, neste cenário entre o concreto e o abstracto,

onde reside o coração do espectáculo: um território de acolhimento. Um lugar em que perspectivas diferentes convivem entre si, dependendo de quem e de onde se observa, tal como as próprias perguntas e experiências sobre o amor.

É nesse espaço que a Beatriz Brás e o Leonardo Outeiro nos indicam caminhos possíveis. Não apenas como personagens, mas como símbolos do que o amor pode ser: dois corpos, duas presenças, dois modos de contar a mesma história, duas sensibilidades para descobrir o amor. A narrativa, cada gesto, cada som, cada silêncio, nasce desse encontro, abrindo caminhos possíveis para estas perguntas.

É um espectáculo pensado para crianças e jovens, mas sobretudo para quem ainda acredita na importância de olhar para o mundo com cuidado. Falar de amor é, para mim, falar de respeito, de escuta, de atenção, de escolha, de não-violência. É ser-se e estar-se implicado. É um trabalho de todos os dias.

«O amor precisa de sorte e depois de empenho».

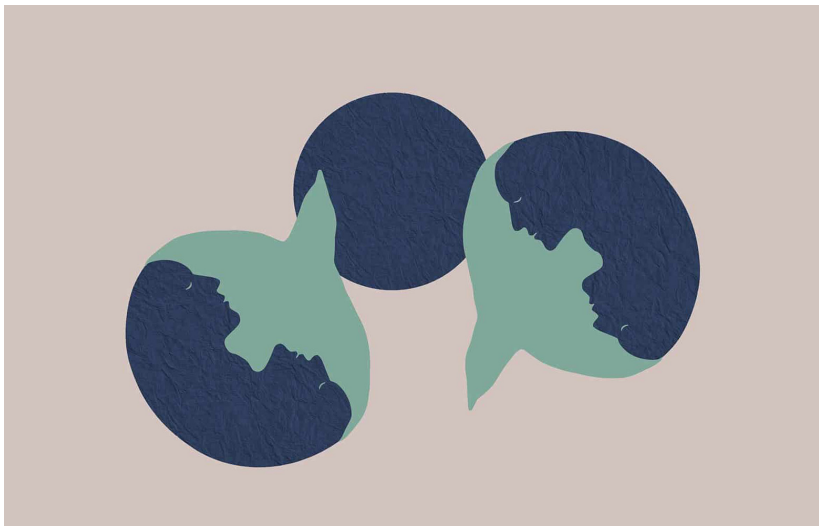
E para esse empenho é preciso tempo. E com a pressa e a distância que nos tomam de assalto no dia-a-dia, com a violência e a indiferença que se infiltram cada vez mais no quotidiano, é para mim importante reflectir sobre o amor a partir de um lugar de desaceleração – como num tempo da infância em que nos podemos dedicar simplesmente a estar presentes.

Acredito que é nas pequenas utopias que encontramos a força necessária para transformar aquilo que nos separa.

**Nídia Roque**

Janeiro de 2026

Texto escrito ao abrigo do antigo Acordo Ortográfico.



## OFICINA DE TEATRO E CENOGRAFIA **PARAÍSO INFINITOS**

Conceção **Nidia Roque** e **Ângela Rocha**

Imagem @ Ângela Rocha

Oficina de criação que convida os participantes a construir um móbile a partir do universo do espetáculo *O Paraíso São os Outros*. Destinada a um público a partir dos 8 anos e seus adultos, a oficina *Paraísos Infinitos* inicia-se com jogos teatrais orientados por Nidia Roque, que servem de ponto de partida para pensar e explorar os temas do espetáculo: o amor, a família e as diferentes formas de relação. Através do corpo, do movimento e da escuta, estas experiências tornam-se inspiração para a etapa seguinte: a criação de um móbile. Com a orientação de Ângela Rocha, cada participante transforma essas vivências em criação plástica.

**27, 29 A 31 JANEIRO**

Espaço Fábrica das Artes

Ter, Qui e Sex, 14h00 - Escolas

Sáb, 11h00 - Famílias

**Público-alvo: +8**

Lotação Máxima: 18 Pessoas



© ANTÓNIO IGNÉS

## **Nídia Roque**

Nídia Roque, Lisboa. Inicia a sua formação em teatro na Escola Profissional de Teatro de Cascais (2008). Licenciada pela Escola Superior de Teatro e Cinema (Atores), integra o projeto Erasmus na University of Warwick, terminando o curso em 2014. É cofundadora do Teatro da Cidade, onde encena e escreve as suas criações e trabalha como atriz e produtora. Cocriou os espetáculos *Os Justos* (2016), *Topografia* (2017), *Karoshi* (2019), *A Nossa Cidade* (criação coletiva com auéééu e *Os Possessos*, 2021), *O Esquecimento* (2022) e *A Missão* (2023). Encenou o espetáculo *Agora, que o carro do sol já passou* (2019), escreveu e encenou *O Voo de Ícaro* (2020), *Orpheus* (2023) e *Penélope* (2025). Trabalha, desde 2018, com crianças e jovens nas práticas da expressão dramática e oficinas de interpretação, trabalhando regularmente como professora de teatro em Lisboa. Promove regularmente oficinas no contexto dos espetáculos que cria para a infância no Teatro da Cidade. Trabalhou com os encenadores Luís

Miguel Cintra, Jorge Silva Melo, Pedro Carraca, João Mota e Bruno Bravo. Em cinema, trabalhou com Manuel Mozos, Filipe Bragança, Fernando Vendrell e Ivo Ferreira.



© FILIPE FERREIRA

## Beatriz Brás

Beatriz Brás (1993) licenciou-se em Teatro (Atores) na Escola Superior de Teatro e Cinema, onde também concluiu o mestrado em Artes Performativas, em 2017. É membro fundadora da companhia teatral *auééú*, na qual foi cocriadora e intérprete em todos os espetáculos desde 2014 até 2021. Integra o elenco de espetáculos de Tiago Rodrigues em *Sopro* (2017), *Na Medida do Impossível* (2021) e *No Yogurt for the Dead* (2025), com os quais segue as suas extensas digressões internacionais. No cinema, trabalha com João Nicolau, Mónica Lima, Sérgio Graciano e Tiago Guedes. É cocriadora e atriz nos espetáculos infantis *Uma Outra Bela Adormecida* (2023), no LU.CA, e *Carnaval dos Animais* (2024), no CCB. Colabora como intérprete com a companhia de teatro *Os Possessos* na performance *Manifestos para Depois do Fim do Mundo* (2023), de Isabel Costa, e, mais recentemente, no espetáculo *Burn Burn Burn* (2025), de Isabel Costa e Catarina Rôlo Salgueiro.



© GIL REGO

## Leonardo Outeiro

Leonardo Outeiro (Viseu, 1991) é músico e compositor. Iniciou o seu percurso artístico como intérprete de jazz, área que marcou profundamente a sua relação com a improvisação e a escuta coletiva. Com o tempo, começou a gravitar em direção à música erudita e à música para cinema, que acabaram por abrir caminho à composição, tornando-se esta o eixo central da sua prática artística. É autor de música para diversas séries, filmes e peças de teatro em Portugal e no estrangeiro, colaborando com várias companhias e criadores.

No seu trabalho cruzam-se diferentes universos musicais, que se manifestam tanto em abordagens acústicas, como em contextos eletrónicos e híbridos. A harmonia é um dos pilares da sua escrita, funcionando como força transformadora que expande um tema simples numa viagem musical plural, refletindo as várias camadas emocionais e conceptuais das obras que aborda.



© LUÍS BELO

## Ângela Rocha

Ângela Rocha (Erada, Covilhã, 1988) frequentou o curso profissional Geral das Artes da Escola Artística António Arroio. É licenciada em Teatro, no curso de Design de Cena, pela Escola Superior de Teatro e Cinema, e foi bolsista do Programa Leonardo da Vinci, em Roma, na Companhia Matéria Viva. Foi assistente de Cenografia e Figurinos na companhia Artistas Unidos. Assinou trabalhos de cenografia e figurinos para encenadores como Cláudia Gaiolas, Guilherme Gomes, Gonçalo Waddington, João Pedro Mamede, Madalena Marques, Marco Medeiros, Maria João Luís, Raquel Castro, Ricardo Neves-Neves, Sílvia Vieira, Teresa Coutinho, Tiago Guedes, Tiago Rodrigues, entre outros. Marcou presença em diversos festivais a nível nacional e internacional, nomeadamente no Festival d'Avignon, com a peça *António e Cleópatra*, de Tiago Rodrigues. É cofundadora do Condomínio – festival de cultura local em espaços habitacionais, num total de 8 edições. Em 2019, venceu o Prémio SPA de Melhor Cenografia pelo espetáculo *Sweet Home Europa*,

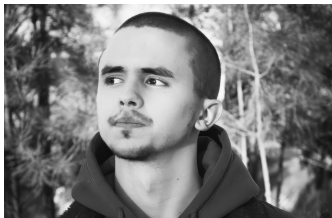
uma produção do Teatro D. Maria II. Foi a representante oficial de Portugal na Quadrienal de Praga 2023, uma das maiores mostras internacionais de artes plásticas do espetáculo. Foi galardoada com o Prémio PQ Kids. No seu trabalho, tem procurado aprofundar uma relação sincera entre o potencial plástico intrínseco às matérias, a sua repetição e a via da invocação, privilegiando esse diálogo em detrimento de uma vertente realista, num registo permeável ao lugar individual do público. Caracteriza-se ainda por construir muitas das suas conceções, o que lhe permite um lugar de permanente aprendizagem de meios e formas.



© DR

## Rui Seabra

Rui Seabra estudou Som e Imagem no Instituto Multimédia do Porto, Sonoplastia e Luminotecnia, na ESMAE. Desenvolveu trabalho enquanto sonoplasta e iluminador a norte, no Coliseu do Porto, no Teatro Municipal do Porto, no Teatro Nacional São João e no TEP, e a sul, no Festival de Almada, no Teatro Nacional D. Maria II e no Teatro da Trindade INATEL. Desde 2003 até à sua extinção, foi residente no Teatro da Cornucópia. Em 2016, inicia a sua colaboração com António Pires. Ao longo dos anos, o seu trabalho tem estado presente em projetos de diversos encenadores, como Andresa Soares, Carlos Avilez, Dinarte Branco, Ivo Alexandre, Luís Moreira, Ricardo Aibéo, bem como de estruturas como a ASSEDIO, Ballet Teatro, Companhia Cepa Torta, Os Possessos e Teatro da Cidade.



© REMAN ANDRADE

## Ricardo Arenga

Ricardo Arenga (Almada, 1998) é licenciado em Psicologia pelo Iscte – Instituto Universitário de Lisboa (2020), onde concluiu posteriormente o mestrado em Estudos e Gestão da Cultura (2023). Iniciou o seu percurso na área da cultura na Gerador, enquanto membro da Academia Gerador, onde colaborou na elaboração do *Pequeno Livro Aberto Sobre o Interior* (2023). Enquanto produtor, foi assistente de produção no Teatro dos Aloés, na peça *O Diário* (2023), tendo sido, paralelamente, um dos responsáveis pela organização da 6.ª Amadora Mostra - Mostra de Jovens Criadores de Teatro (2023). Colabora, desde 2024, com as associações Teatro da Cidade e Má-Criação, onde tem desenvolvido o seu trabalho em projetos de Guilherme Gomes, Nídia Roque, Alex Cassal e Paula Diogo.